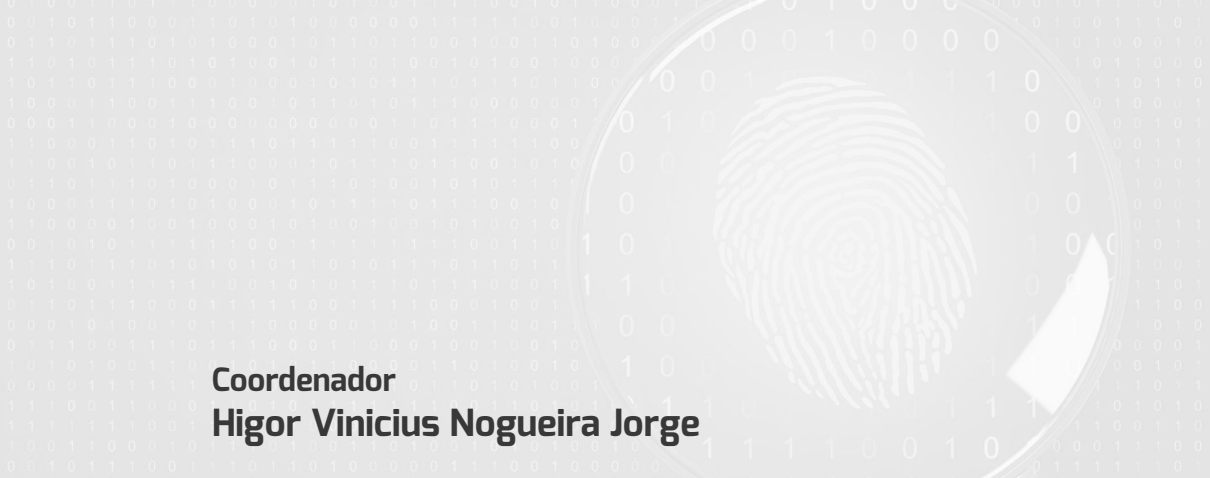




Coordenador
Higor Vinicius Nogueira Jorge

CONSELHOS A UM JOVEM POLICIAL

**O que muitos gostariam de ter ouvido
quando ingressaram nas carreiras policiais**

2^a
EDIÇÃO

REVISTA

2026

 **EDITORIA**
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

PERITO: ME ENSINASTE A CONVERSAR COM COISAS QUE NÃO FALAM

Marcos Ferreira Guedes da Costa

*Prezado membro de uma das equipes do Núcleo de Perícias Criminais de
nosso imenso país. Câmbio!*

Não sei se o Núcleo ao qual pertences situa-se no interior ou na capital paulista. Muito menos se integras a Superintendência de Polícia Técnico Científica do Estado de São Paulo. Pode ser que estejas encarregado de tuas perícias nos rincões espalhados pelas outras vinte e cinco unidades federativas, ou estejas no Distrito Federal ou, até mesmo, em alguma das Superintendências Regionais da Polícia Federal espalhadas pelo Brasil.

Importa-me aqui saber que tu és, honrosamente, *Perito(a) Criminal*. Não estou aqui para conversar contigo a respeito das hercúleas lutas por ti encetadas para conquistar tão importante cargo na *Administração Pública*. Imagino quanto sacrifício fizeste para completar teu curso Universitário, cuja titulação a ti conferida abriu-te as portas para te inserir

em uma das habilitações exigidas naquele longo e minucioso Edital que regrou teu concurso público. Não sei se és biólogo, físico, químico, matemático, geógrafo, veterinário, enfermeiro, médico, dentista ou engenheiro das mais variadas modalidades e tantas outras profissões aqui não elencadas, caso contrário este parágrafo ocuparia muito espaço em nossa breve conversa.

A certeza que tenho é que tu reservaste um grande tempo em tua vida, para preparar-te ao certame. Renunciaste à preciosa companhia de teus familiares, amigos e namorado(a), debruçando-te por longas horas sobre livros e mais livros, na escrivaninha de teu quarto ou até mesmo na mesa da cozinha, em uma maratona que pode ter se estendido por anos rumo à triunfante ruptura da fita de chegada para, ao final e ao cabo, ocupares um lugar no *Podium*. Não pretendo sequer discorrer a respeito dos tombos por ti colecionados durante o suado percurso da corrida, materializados por decepçnantes reprovações, apesar de teus honestos esforços. Nossas vidas, entremeadas por sucessos e fracassos, ajudam-nos a superar estes inevitáveis percalços. Não desejo falar das ácidas limonadas que tiveste que beber. Quero oferecer-te uma refrescante limonada para hidratar-te do suor vertido de teus poros. Como disse: tu és *Perito(a) Criminal*.

Antes de prosseguirmos em nosso silencioso diálogo, peço-te licença para me apresentar. Sou teu colega. Não pertenço aos quadros de tua desafiadora carreira. Tenho cá meus desafios, embora diferentes dos teus, mas somente possíveis de serem resolvidos com tua inestimável ajuda. Afinal de contas, estamos longe de sermos autossuficientes. Necessitamos laborar em cooperação uns com os outros, a fim de oferecermos bons serviços a pessoas que nunca vimos e com as quais, muitas vezes, interagiremos uma única vez. Sou *Delegado de Polícia do Estado de São Paulo* há mais de trinta anos. Tenho o privilégio, também, de partilhar fecundas experiências com teus colegas de Academia. Quantos cursos técnico-profissionais frequentei tendo por colegas em salas de aula, *peritos(as) criminais*. Lembro como se fosse hoje, dos cursos de *identificação veicular; locais de crime; perícias ambientais e toxicológicas;*

entomologia forense; recognições visuográficas de sítios perinecroscópicos e muitos outros encontros, nos quais tive como professores, experientes profissionais de perícia. Tudo isso contribuiu para cada vez mais conhecer o teu cotidiano, teu dramático porém riquíssimo universo no qual laboras. Não é por menos que ouço de muitos *peritos criminais*, quando com eles estou *in locu*, que a *cena do crime* está “bonita!” Isto é, devidamente preservada quando da chegada da *equipe pericial*, propiciando uma “*boa conversa com o cadáver*”, cujos vestígios deixados em seu corpo e ao seu redor, permitem oferecer relevantes informações a complementarem a identificação da autoria e a retratar a materialidade delituosa.

Pergunto-me sempre: como podes tu, *perito(a) criminal*, obter inúmeras e tão significativas referências a partir de um ser inanimado? Como podes, arqueado, portando sua *Glock*, *encorpando teu colete balístico*, *munido de uma caneta BIC e uma prancheta madeirada* como suporte, percorrer detidamente os locais dos fatos, tanto os abertos como os fechados, mantendo e descrevendo minuciosamente cada vestígio observado, anotando tuas valiosas impressões para não te perder, posteriormente, na confecção de teus minuciosos *laudos periciais*? Sei muito bem, embora te esforces a cumprir tuas duras jornadas, que teu compromisso não se esgota ao término do plantão, cujo odômetro da viatura, muitas vezes acusa que em uma única noite tu percorreste, dentre as várias circunscrições sob tua responsabilidade, mais de duzentos e cinquenta quilômetros! E, o que é curioso para não dizer penoso, conduzindo a *VTR* por movimentadas estradas de rodagem e por perigosos, desconhecidos e tortuosos caminhos terrosos!

No escritório de tua casa. Sim, no aconchego de teu lar sempre estarão a te esperar, além da acolhida dos familiares, pilhas e mais pilhas de folhas de *requisições*, eivadas de escritos e improvisados *croquis* em seus versos, somente por ti decifrados. Com a ajuda de tua memória, perante teu computador, esboças as linhas dos teus *laudos periciais*, sempre no aguardo das remessas das imagens obtidas das câmeras dos *Fotógrafos Técnico-Periciais* para que as *minudências fotográficas* auxiliem

as autoridades policiais, os magistrados, promotores de justiça e advogados a compreenderem aquilo que tu descreves pormenorizadamente com teu *científico* vocabulário. Imagino o que deves pensar de nós, jocosamente, enquanto elaboras teus *documentos periciais*. Deves perguntar mentalmente: *compreenderam tudo ou querem que eu desenhe?* Não por menos, os profissionais do *sistema de justiça criminal*, toda vez que o mencionam em suas peças processuais, o chamam “*expert*”. De fato, uma vez finalizadas e instrumentalizadas tuas *expertises*, colocas as dezenas de laudos impressos debaixo de teu braço, e ao dirigir-te para mais um misterioso plantão (tu nunca sabes com o que podes deparar-te!), aproveita uma breve ida ao balcão do escriturário encarregado do expediente onde, finalmente (*ufa!*) entregas teus laudos, relacionando-os às pequenas peças deixadas organizadamente (será?) no depósito do *Núcleo de Perícias* ao qual chamas carinhosamente, por *Base Operacional*.

Em resumo, aqui está a rotina por mim observada não somente nos espaços profissionais como também na intimidade do lar. Neste momento, revelar-te-ei a maior recompensa que tive ao compartilhar meu trabalho com teus colegas: me apaixonei, namorei e espousei uma linda *Perita Criminal*. Elza Marlet Guedes da Costa, *perita do Núcleo de Perícias Criminais de Osasco*. Por ela, obtive muitos conhecimentos de *balística forense, análise detalhada de vestígios de locais de homicídio* e muitos outros temas relacionados com a *criminalística*.

Acompanhei suas duras rotinas de trabalho, sempre tirando seus sapatos antes de entrar em casa para que não corrêssemos o risco de contaminação com doenças, a exemplo da tuberculose. Lembro quando ambos, ainda na condição de colegas policiais, nos dirigimos para atender a um local onde ocorrera uma *morte natural sem assistência médica*. A insalubre moradia, composta por um dormitório contíguo a uma pequena cozinha e um banheiro com bacia e chuveiro, foi erguida com blocos cerâmicos encimados e amarrados uns sobre os outros por uma massa cimentada sem acabamento. A parede lateral na qual estava encostada uma cama de solteiro com um colchão sem lençóis, encontrava-se literalmente tingida por grossos borrifos de substância hematóide

escorrida e coagulada, decorrentes de um grave surto de hemoptise, cujo sangue, expectorado por violenta pressão pulmonar, espalhou-se pela cama, pelo contrapiso do quarto e da cozinha, onde jazia em decúbito ventral o cadáver, dando-se a impressão que na agonia de sua morte, buscava por alguém ou por algum recurso que pudesse auxiliar em seu socorro.

Não se trata aqui da descrição literal do contido no laudo original, pois não disponho dele para copiar seu conteúdo. Mas posso asseverar que a descrição é deveras semelhante à cena com a qual nos deparamos naquela fria madrugada de um final de semana, na periferia de Osasco. Apenas acrescento aqui a inusitada situação quando de nossa chegada: o cão de estimação da vítima, deitado ao lado de seu pobre dono, não permitia sequer que entrássemos no precário aposento. Foi preciso um *Policia! Militar* apartar o animalzinho do cadáver para que pudéssemos “fazer o local”. Não sei, até hoje, qual o destino do cachorrinho.

Se fosse descrever a ti, as curiosas, trágicas e tristes situações vividas na companhia de teus colegas de carreira, um texto como este não bastaria. Seria preciso escrever um livro de contos, que de ficção nada teriam. Para aqueles que nunca sentiram os fétidos e contaminantes locais por onde diariamente és obrigado percorrer, seriam crônicas policiais, digo, periciais, a narrarem as cruentas realidades presenciadas por ti e por teus anônimos e desconhecidos colegas *peritos criminais*, cujos profícuos trabalhos nos *Institutos de Criminalística* constroem, com seus documentos *periciais*, a *Memória Histórica das Perícias e dos Peritos(as) Criminais Brasileiros*.

Doutor(a) Perito(a) Criminal. Mesmo não te conhecendo pessoalmente, ao ler este pequeno texto a ti endereçado, receba meus sinceros e respeitosos cumprimentos por tua íntegra e corajosa missão.

Teu colega, o Delegado de Polícia
Doutor Marcos Ferreira Guedes da Costa

POLICIAL MILITAR: OBRIGADO POR NOS PROTEGER!

Marcos Ferreira Guedes da Costa

Querido irmão Policial Militar, QAP!

Escrevo-te em uma manhã muito especial.

Estamos nas primeiras horas da tarde do dia 1º de janeiro de 2024. Acabamos de entrar no vindouro ano, e mais da metade do dia se foi! De fato, parafraseando um famoso escritor gaúcho: *o tempo é um vento!* Sem percebermos a velocidade com a qual rouba nossas vidas, muitas vezes a ele nos referimos como um sopro. Mal o sentimos bater contra nossos rostos, e lá se vão as manhãs, as tardes, as penosas e noturnas madrugadas, os *flashes* dos períodos consumidos em jornadas oficiais e nos inúmeros “*bicos*” nos quais perdemos nosso tempo, sem percebermos que há melhores momentos para ganharmos com ele.

Não sei se nesta tarde tu te encontras de folga no aconchego de teu lar. Pode ser que estejas alquebrado após um longo plantão de “*reveillon*”, no qual foste obrigado a patrulhar, em companhia de teu parceiro de

ronda, pelas ruas e avenidas das cidades, onde se escondem perigosas armadilhas às quais diariamente estás exposto. Tua acelerada rotina não te permite permanecer tenso a cada quilômetro circulado em baixa velocidade, com teus olhos de águia atentos aos movimentos suspeitos, acompanhados do giroflex com intermitentes luzes azuis e vermelhas, ora iluminando à tua direita, ora à tua esquerda. Sem que esperes, eis que em meio às contínuas e ruidosas falas vindas do teu rádio, algum “*polícia*”, com uma voz ofegante que mal consegue elaborar por completo uma frase, repetidamente em um tom que mescla coragem com incerteza, clama: *prioridade, prioridade, COPOM! Bravo 04 em andamento aqui pela avenida Sapopemba, na concessionária Multi-Marcas, esquina doutor Sales Junior*. Eis que repentinamente tu e teu encarregado obrigam-se a impelir grande velocidade ao até então calmo patrulhamento.

Sem desatentar à destreza de tuas ousadas manobras urbanas, ao ultrapassar velozmente os sinais vermelhos dos traiçoeiros cruzamentos (apenas uma dentre as várias armadilhas citadinas), no momento mais te importas com a vida do colega que pede apoio, que com a tua ou a do colega a te fazer arriscada companhia. Afinal, se ambos juraram *dedicarem-se ao serviço da pátria, com o sacrifício das próprias vidas*, como não concretizar tua nobilíssima missão oferecendo, se preciso for, tua preciosa vida para defender alguém que jurou o mesmo por ti ?

Tal comportamento jamais será compreendido por quem não compõe as fileiras de tua gloriosa instituição. Nem mesmo teus familiares, justificados que estão pelo amor que têm de ti, compreenderão como podes te expor a tamanho perigo! Mas isto faz parte do teu mister: ser um *Policial Militar*! Mesmo ciente que a sociedade a qual pertences e escolheste defender, não mereça tua entrega, foi esta tua livre opção. E como cada momento vivido em tua desafiadora profissão te alimenta e te encoraja a prosseguir! Apesar de já teres presenciado, em não poucas situações, alguns dos teus *aloprarem*, certamente deves ter ido ao encontro deles para oferecer alguma palavra de consolo. Um mínimo e imprescindível conforto que pudesse evitar algum inesperado e trágico desfecho.

Recorda-te, soldado! Tu foste criado por Deus para em meio às adversidades, continuar tua missão. Portanto, procures n'Ele o equilíbrio que nenhum psicólogo, nem remédios poderão te conferir. Teu querido Pai, que te ama com eterno amor, será o Único capaz de te proteger das insídias do mundo que, não desejando tua paz, ficará obstinado, a cada ocorrência e sobrecarga de trabalho, arremessá-lo aos abismos infernais. É preciso que confies e que não te consumas em estafantes jornadas a não te permitirem o justo repouso. Como então reverter esta aparentemente irreversível rotina? Basta analisares quais são tuas prioridades. Já parou para refletir quais as reais necessidades tuas e da tua família?

Se me permites opinar, antes de externar o que penso, aproveito para a ti me apresentar: sou teu colega, embora não pertença à tua carreira ou Instituição. Minha profissão, também repleta de ansiedades, embora diferentes das tuas, é permanecer de prontidão, sempre à espera daquilo que tu me apresentas por dever de ofício. Por mais de trinta anos estive à frente dos insalubres plantões policiais nas periferias da capital e interior paulistas. Como *Delegado de Polícia*, por muitas vezes contigo chorei o luto de teus colegas de farda, meus parceiros de trabalho, covardemente assassinados por marginais que grande parte da mídia insiste em idolatrá-los. Não tive, como tu certamente não tiveste por conta de teu honrado dever, sequer tempo para prestar uma última homenagem, por meio de preces e uma respeitável e silenciosa presença, nas dolorosas cerimônias fúnebres. Nossas mortes, resumidas à palavra “*baixas*”, servíveis muitas vezes para o deleite dos abutres da imprensa, muitos deles a representarem em seus torpes programas jornalísticos uma falsa indignação para agradarem o expectador, prestam-se também a fomentar demagógicos discursos eivados das mesmas falsidades. Estando de ti permanentemente distantes, para eles tu não passarás de um *número*, uma descartável e facilmente substituível *peça* a prestar o mesmo papel nos *pelotões* das várias *Companhias de Polícia Militar*!

Querido irmão patrulheiro, cuja santidade é por ti construída no porte de tua *Glock*; em teu corpo fragilmente protegido por um *colete balístico*; com *pares de algemas e sprays de gás pimenta* presos ao teu

cinto, enquanto tua *caneta esferográfica* repousa em teu bolso, pronta para escrever sobre a *madeirada prancheta*. A cada anotação feita por ti nos desprotegidos locais de ocorrência, nos quais nenhuma cooperação obténs da sociedade que proteges, desejosa de tumultuar ainda mais a cena para a qual, imediatamente acorreste, observas torpes celulares ansiosos por filmar uma atitude de *legítima defesa* tua, para editá-la e vendê-la aos jornais televisivos, prontos para interpretá-la como *abusos de autoridade*. Sei que não te limitas a escrever as qualificações e breves históricos dos “*zulus*”. Cada chamado de emergência quer tu atendes, sem ter consciência do que ocorre com tuas emoções, carrega tudo para dentro de ti, acumulando cada vez mais aflições que não te pertencem. Não permitas consumir-te por isso!

Espero que tu aprendas a evitar absorver tais inquietudes, para que teu nervosismo não respingue e manche o seio de teu sagrado lar. Tua família será, incomparavelmente, o preciosíssimo patrimônio a ser por ti guardado. Não o destrua por conta do descontrole de tuas emoções, diariamente provadas pelo exercício de tua abnegada função. Não te exasperes com jornadas ininterruptas de trabalho. Tens que desfrutar de teus momentos de lazer para descansares e te recompores na companhia de teus pais, esposa e filhos, não importam suas imperfeições e admoestações. Afinal, se fôssemos perfeitos, estaríamos já no Paraíso, junto aos Coros Angélicos. Adiemos ao máximo este maravilhoso encontro, apesar de por isto tanto ansiarmos. Temos toda a eternidade para estarmos face a face com Deus.

Proteja-te a cada minuto de tua patrulha. Não te arrisque a enfrentar um confronto em desvantagem numérica. Afinal, aprendemos em nossas salas de aula, seja nos Centros de Formação de Soldados; nas Escolas de Formação de Sargentos ou nas Academias de Formação de Oficiais, que nossa maior arma são as *ações de presença*, nas quais os *paisanos* ficam impressionados com a quantidade de viaturas e policiais reunidos em tão breve tempo de comunicação. Parabéns por tua prontidão, irmão *Policia! Militar!* Ainda que não sejas *escoteiro*, estás *sempre alerta* para nos *proteger!*

Não gaste o tempo de teus merecidos dias de descanso, em intermináveis horas de “bicos”, não importam serem as *dejem's* oficiais ou os arriscadíssimos trabalhos junto a casas lotéricas ou escoltas das sangrias dos cofres de lojas ou supermercados. Como te disse no início de nossa conversa: ganhe tempo com o tempo. Desfrute calmamente de tuas folgas, no aconchego de teu lar, refazendo-te junto aos seus! Tua família contenta-se com muito pouco. Eles não querem as ilusões do bem-estar e das comodidades eletrônicas. Seus corações desejam muito mais e ardentemente, tua companhia. Pense nisso!

Como teu amigo e colega nestes mais de trinta anos de polícia, saibas que sempre aguardarei por ti a cada ocorrência apresentada na Delegacia de Polícia, com um sonoro de delicado “*fala, polícia!*”, acompanhado de um sincero sorriso e de um resoluto aperto de mão, oferecendo-te a água de meu filtro e o sofá de minha sala, para que tu alivies um pouco as *estressantes* situações vividas nas ruas, descansando e terminando calmamente teus relatórios, documentos caprichosamente por ti elaborados, remetidos ao sargento do Comando de Grupo de Patrulha (CGP) a servirem, também, como importantíssimos elementos de informação para instruírem meus Inquéritos Policiais.

Obrigado por ajudar-me a crescer como profissional e como gente, *Policial Militar!*

Conte com minhas humildes orações.

Fraternalmente,

Janeiro, 2024.

Marcos Ferreira Guedes da Costa